

VIVÊNCIAS E VALORES NO COTIDIANO DE UMA COMUNIDADE RURAL DO SUDESTE GOIANO: a transdisciplinaridade como caminho de paz

Vanderléia Dartora
Mestranda em Geografia na Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
vanderleia.dartora@yahoo.com.br

Resumo

Esse artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado, com o objetivo de compreender as representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia, Campo Alegre de Goiás, em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, com o intuito de delinear algumas diretrizes que podem auxiliar os programas e ações de educação ambiental, seja na comunidade ou fora dela. A investigação foi guiada pela metodologia da pesquisa qualitativa, que privilegia os aspectos objetivos e subjetivos dos atores sociais, como a compreensão da realidade, a relevância e os significados que os fenômenos têm para eles e o estudo de valores, crenças, hábitos, atitudes, percepções e representações. As entrevistas com os moradores de Rancharia e o estudo teórico fortaleceram a reflexão sobre a complexidade do cotidiano, a importância das representações sociais e os desafios da educação do futuro.

Palavras-chave: comunidade de Rancharia, representação social, meio ambiente, educação

EXPERIENCE AND VALUES IN DAILY LIFE OF RURAL COMMUNITY OF SOUTHEAST GOIANO: transdisciplinarity as a path of peace

Abstract

This article is based on a research, with the objective is to understand the representations of the environment expressed by residents of Rancharia, Campo Alegre de Goiás, in his daily life, in their social relations and environmental practices, in order to delineate some guidelines that can assist programs and environmental education, in the community or outside. The investigation was guided by the qualitative research methodology, which focuses on the objective and subjective aspects of social actors, such as understanding the reality, relevance and significance that the phenomenon have for them and the study of values, beliefs, habits, attitudes, perceptions and representations. The interviews with residents of Rancharias and theoretical study strengthened the reflection on the complexity of everyday life, the importance of social representations and education challenges of the future.

Keywords: community of Rancharia, social representations, the environment, education.

Introdução

Vivemos num momento da história em que uma crise ambiental planetária se faz presente como uma crise de limites para o crescimento econômico e populacional. Limite para os desequilíbrios ecológicos e para a capacidade de sustentação da vida e para a falta de solidariedade e de humanidade. Uma crise ambiental, também considerada, crise de civilização, que possivelmente não conseguirá encontrar uma solução somente em um conhecimento baseado na unidade, na uniformidade, na homogeneidade e na especialização. Terá que buscar saída em novos conhecimentos, na valorização e no diálogo com a diversidade de saberes e, possivelmente nas experiências e vivências cotidianas de grupos sociais que vivem em total relação com a terra, o espaço e o lugar.

É considerando essa última reflexão que esse artigo propõe um diálogo entre as vivências cotidianas, os saberes e as representações dos moradores da comunidade rural de Rancharia, no sudeste

Goiano e os desafios da educação do futuro, sobretudo no que tange a educação ambiental. O diálogo aqui proposto faz parte da pesquisa intitulada “O Lugar e o seu Significado: as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia, Campo Alegre de Goiás”, que buscou compreender as representações sobre meio ambiente manifestadas pelos moradores de Rancharia em seu viver o cotidiano, em suas relações sociais e práticas ambientais, com o intuito de obter informações e orientações que podem contribuir com programas e ações de educação ambiental na comunidade e, possivelmente, a nível regional, estadual e nacional.

Vivências e valores no cotidiano da comunidade

A comunidade rural de Rancharia esta localizada no vale do rio São Marcos, no município de Campo Alegre de Goiás, no sudeste goiano. Em pequenas propriedades, as famílias mantêm sua subsistência através da criação de porcos, galinhas caipiras e gado, cultivo de milho, mandioca e cana-de-açúcar e diversificados pomares e hortas. Com a produção de milho e de mandioca não faltam a pamonha, o polvilho, a farinha e o alimento para o gado em períodos de seca. O gado de leite ainda é manejado de forma tradicional: à tardinha os bezerros são separados das mães, para estas, na manhã seguinte, serem manualmente ordenhadas.

Com características que em tempos passados eram predominantes, as atuais residências, mantêm um equilíbrio entre o novo e o antigo. As janelas e portas de pau roliço deram lugar às de metal, o telhado de folhas de buriti às telhas de barro e ou folhas de amianto. O fogão caipira, a prateleira com as panelas brilhosamente ariadas e o filtro de barro, usado para filtrar água, são elementos tradicionalmente mantidos. No entorno das residências a presença do curral, do pomar com pés de café e algodão e a horta com coloridas pimentas, harmonizam o ambiente.

A relação com a natureza ora se apresenta de forma harmônica, através da preservação das matas ciliares, da proteção de nascentes d'água, do cuidado com os animais silvestres e do cultivo de pomar e horta sem agrotóxicos. E ora se apresenta de forma conflituosa, através do desmatamento da vegetação nativa para plantio de lavouras e pastagens e do uso de máquinas agrícola e agroquímico nessas áreas de produção, que de certa forma contribuem para a diminuição da biodiversidade local.

As mulheres mantêm viva a tradição familiar através da produção de doces caseiros e artesanatos em algodão. Nos teares manuais ainda se tramam os fios em tecidos de cores e memórias de antigas cantigas dos alegres mutirões de outros tempos, como lembra Dona Eva:

Senhora Dona da casa
Saia aqui neste salão
Que eu quero beber um gole
Na palma da sua mão

Senhora Dona da casa
Saia aqui nesta porta
Quero que me conta
Quantas galinhas têm morta

Senhora Dona da casa
Sobrancelha de boneca
Quero beber um gole
Na xícara ou na caneca

Fia, fia minha rodinha
Vamos fiar este algodão
Para poupar a preguiça
Da Dona do mutirão
(E, D.C., 78 anos)

As vivências dos moradores parecem alimentar sonhos e esperanças expressos nos olhares, nos sorrisos, nos gestos das mãos, nas falas, na gratidão e na acolhida. No cotidiano da comunidade são tecidas e partilhadas as maneiras de ser, os afetos, o respeito aos mais velhos e as experiências de vida, produzindo uma multiplicidade de sentidos e significados.

No âmbito do cotidiano as histórias de vida revivem lembranças pessoais, emoções e alegrias compartilhadas; reconstroem a dinâmica de várias etapas da trajetória do grupo social ao qual

pertencem e se estabelecem os modos de vida, os relacionamentos com o outro e com o lugar. Nos depoimentos é visível à dimensão subjetiva e afetiva dos sujeitos com o lugar, como demonstra o trecho da narrativa a seguir:

Eu adoro morar aqui, porque meus pais, eu, minhas filhas, todos nascemos na comunidade. Os vizinhos são bons. Aqui é tranquilo. Adoro o lugar, as matas, ver os animais, os pássaros cantando deixa a gente alegre; eles fazem parte da nossa vida, criam seus filhos na varanda de nossa casa (C, F. da S. 32 anos).

As relações são fortalecidas por meio de visitas, encontros, celebrações e jogos de truco que são realizados nas residências. Hoje a comunidade constituiu uma associação de moradores que está empenhada na construção de um centro comunitário, com o objetivo de fortalecer as atividades coletivas como mutirões, festas religiosas e eventos festivos, que em tempos passados eram frequentemente realizados, como relatam os moradores:

Nas festas o povo bebia café, quentão, cantava, assava batata, fazia pipoca. Fazia precata (chinelos) de couro de gado, e dançava forró de precata e facão na cintura, a noite toda. Tocava violão, sanfoneiro pé-de-bode (sanfona de oito baixo). Dançava desde o sol se entrando até no outro dia o sol alto. Matava vaca, frango e fazia aquele jantão a noite. Era bom demais. Quando o sol batia a gente dizia que era arranca couro. (L, C. de O. 67 anos)

Nos casamentos juntava aquele mundaréu de cavaleiro, até cem cavaleiros, e ia lá cidade, casava e vinha; o povo todo esperava com foguete, aquele mundaréu de gente. Tinha janta com arroz, feijão, carne e mandioca. Quando era meio noite servia o doce com biscoito. Enchia aquela mesona, era bom de mais. Fazia a festa na casa do noivo, armava um toldo de ramos e dançava no chão, levantava um poeirão que só. Os cílios ficavam pesados de tanta poeira. Era bom passado. Tinha as festas de São Sebastião, casamentos, Santo Reis. Não tinha igreja na comunidade, as festas eram nas casas. (E, D. C. 78 anos)

As vivências cotidianas são campos férteis para o conhecimento da realidade, pois o cotidiano é composto de relações impregnadas de saber. No cotidiano as pessoas convivem, desenvolvem suas atividades econômicas e sociais, as relações são tecidas e partilhadas de forma emocional e afetiva e são impregnadas de aspectos culturais. No cotidiano as representações sociais são elaboradas socialmente e funcionam no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. Caracterizam-se como um comportamento observável e registrável, simultaneamente, individual e social, impregnado de significados que se originam na vida diária.

O estudo das representações permite conhecer e compreender o cotidiano e as relações estabelecidas nele. Permite ainda identificar as sensações que a realidade causa no indivíduo e o interesse e a motivação deste para com esta realidade. As experiências de vida e os significados atribuídos aos fenômenos levam os sujeitos a perceberem e agirem no espaço e o representarem a partir de símbolos, palavras e comportamentos. Compreender as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia, possibilita entender a trama da própria vida, onde se encontram natureza e tradições, identidades e relações com os outros, vivências e significados. Possibilita à educação do futuro, contribuir para que os grupos humanos adotem formas de produção condizentes com os recursos naturais de cada região, apropriadas à natureza, à comunidade e a sua cultura.

Os desafios da educação do futuro

Diante dos múltiplos desafios do futuro, a educação se apresenta como o caminho para a construção da paz, da justiça social e da sustentabilidade. Uma educação que busca a formação integral do ser humano, que propicie a vivência de valores e da ética do cuidado com os elementos que compõem a teia da vida. Uma educação que contribua para que os grupos humanos adotem formas de produção condizentes com os recursos naturais de cada região e da escolha de tecnologias apropriadas à natureza, à comunidade e a sua cultura.

Para a UNESCO, a educação do futuro se apresenta como uma via que conduza a um desenvolvimento humano mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras...(DOLORS, 1998, p.11).

Todavia, se para garantir a sustentabilidade da vida no Planeta, a adoção de novas atitudes, ações e comportamentos são necessários, porque apesar de todo o conhecimento intelectual, a humanidade não consegue agir de acordo com esse propósito? Uma das respostas talvez esteja no fato de a

educação de hoje não conseguir desenvolver o ser humano em sua integridade, incorporando valores, como a generosidade, a fraternidade, a solidariedade e o amor. Ou ainda, na fragilidade de uma educação fragmentada, que por vezes, fragmenta também os contextos e as complexidades.

Nesse sentido, a abordagem transdisciplinar se apresenta hoje como um caminho para superar e/ou minimizar essas fragilidades da educação, propiciando o desenvolvimento de uma atitude de paz, de um pensamento ambiental orientado para a sustentabilidade da vida e da ação humana comprometida com seu contexto local. “O que exige de cada ser humano um repensar sobre o modo como se relaciona consigo mesmo, com os outros e com a natureza em suas atividades cotidianas”, nas palavras de Oliveira e Viana (2008).

Assim, a educação tem o desafio de introduzir, na referência cotidiana de mundo, a abordagem transdisciplinar como uma proposta que tem como objetivo integrar as diferentes áreas do conhecimento e também as várias formas de produzir e vivenciar conhecimentos que a humanidade vem elaborando no decorrer de sua história. A educação ao longo de toda a vida² está relacionada não somente com as alterações da vida profissional, mas com a construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, de sua capacidade de discernir e agir. A educação deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão (DOLORS, 1998. p.18).

A transdisciplinaridade envolve e desenvolve diferentes aspectos do ser humano, integrando pensamento, sentimento, intuição, sensibilidade, cognição, representação e emoção. Pressupõem iniciar um exercício de melhoria do *ser*, do *pensar* e do *fazer* com base em uma práxis educativa que integra o objetivo e o subjetivo, o racional e o afetivo, as vivências e os significados, as percepções e representações de mundo.

Pensando na educação do futuro a Comissão Internacional de Educação para o Século XXI, realizou um estudo encomendado pela UNESCO e apresentou, entre outras orientações, quatro pilares que sustentam a proposta de um novo tipo de educação. Esses pilares são: *aprender a conhecer* para adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer* para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos* a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas e finalmente *aprender a ser* para o desenvolvimento total da pessoa. A Comissão apontou ainda que, em regra geral, o ensino formal orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para *aprender a conhecer* e, em menor escala, para *aprender a fazer*.

Baseado no Relatório Dolors (p. 89-102) é apresentado a seguir, mais detalhes de cada uma dos quatro pilares, com o intuito de melhor compreender como cada um se articula a educação atual e o que será necessário à educação no século XXI.

O *aprender a conhecer* é a aprendizagem que visa o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, de maneira que cada indivíduo sinta prazer em conhecer e descobrir e aprenda a compreender o mundo pelo menos aquilo que lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para se comunicar. Saberes que permitem conhecer melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos favorecem o despertar da curiosidade intelectual, estimulam o sentido crítico e permitem compreender a realidade, mediante a capacidade de discernir. Nesse sentido, é essencial que todas as pessoas, estejam onde estiverem, possam ter acesso, de forma adequada, às metodologias, os conceitos e as referências resultantes dos avanços das ciências. Aprender a conhecer supõe antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.

Aprender a fazer está indissociável do aprender a conhecer. Pressupõem ir além de simplesmente preparar alguém para uma tarefa determinada. As aprendizagens devem evoluir da simples transmissão de práticas, para a noção de competência, combinando a qualificação, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe e a capacidade de iniciativa. Para o trabalhador se tornar agente de mudança, as qualidades subjetivas, inatas ou adquiridas devem se juntar ao saber e ao saber-fazer para compor a competência exigida. Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes. Aprender a fazer pressupõe não somente uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais

² Segundo a UNESCO a educação não deve ser entendida como um processo que se desenvolve durante uma etapa da vida de cada indivíduo, pelo contrário, ela deve acompanhá-lo ao longo de toda a vida.

ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe.

Aprender a viver junto é sem dúvida um dos maiores desafios da educação. Na história da humanidade sempre houve conflitos, mas no decorrer do século XX, novos elementos parecem acentuá-los. A educação do futuro deve ser capaz de evitar os conflitos, ou de resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento do outro, da sua cultura, da sua espiritualidade. A educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas à tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta. Aprender a viver juntos, a realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos, no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz, é o que se espera da educação do futuro.

Aprender a ser implica em contribuir para o desenvolvimento total da pessoa: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, autonomia, discernimento, responsabilidade pessoal e espiritualidade. Para isso, a educação não deve negligenciar nenhuma das potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se. Aprender a ser pressupõem o desenvolvimento completo do ser humano, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Com o intuito de somar as orientações do relatório Delors, o documento Declaração de Zurique, que resume os resultados e compromissos assumidos na Conferência Transdisciplinar Internacional, ocorrida em Zurique no início de 2000, apresenta dois outros pilares: aprender a antecipar - uma vez que humanidade não pode mais se permitir aprender pela destruição e, aprender a participar - uma vez que soluções para os problemas não podem ser encontradas sem envolver a massa crítica da sociedade (BRENNER, 2000).

Para aprofundar a abordagem transdisciplinar, em 1999, a UNESCO solicitou a Edgar Morin que expusesse suas ideias sobre a educação para o futuro. Morin aceitou o desafio e escreveu *Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro*, quais são:

- Cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão - a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja de alguma forma, ameaçado pelo erro e pela ilusão;
- Os princípios do conhecimento pertinente - é necessário quebrar a supremacia do conhecimento fragmentado, para que se possa compreender o vínculo entre o global e o local, entre as partes e a totalidade, um contexto e o conjunto, a complexidade;
- Ensinar a condição humana: o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Esta unidade complexa é totalmente desintegrada na educação disciplinar. É preciso restaurá-la, de modo que cada um tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. A condição humana é objeto essencial de todo o ensino;
- Ensinar a identidade terrena: cósmica, a unidade complexa do ser humano não pode ser vista desenraizada do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual é constituído;
- Enfrentar as incertezas: a educação deve incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências, incorporando estratégias para enfrentar tais incertezas e imprevistos, no intuito de modificar seu desenvolvimento, por meio das informações adquiridas ao longo do tempo;
- Ensinar a compreensão: o planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensão mútua, para que as relações humanas saiam de seu estado de barbárie e caminhem na direção da cultura de paz;
- A ética do gênero humano: todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender e envolver o conjunto de autonomias individuais, a participação comunitária, a solidariedade e a consciência de pertencer a uma Humanidade que constitui a comunidade planetária.

A educação é, portanto um processo complexo, contínuo e histórico, de formação humana, cuja abrangência vai além da escola. Um processo social e cultural que envolve a ação entre as pessoas, que vai além da simples aquisição e transmissão de conhecimentos técnico-científicos. Os moradores de Rancharia detêm conhecimentos próprios adquiridos a partir de vivências cotidianas com o ambiente e a relação com o outro. Pessoas que preservam na memória saberes e nas práticas cotidianas valores que podem contribuir nos processos de educação ambiental, não com o intuito de controlar, autoritariamente, as estratégias de sobrevivência do grupo, mas como forma de compreender as intervenções intencionais do ser humano no ambiente.

As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia

As representações estão impregnadas de sentimentos que resultam de uma longa experiência que envolve uma história de vida relacionada a acontecimentos, fatos, conflitos, encontros e desencontros, pausas e movimentos. São conhecimentos que somados a elementos subjetivos, fazem com que o ambiente seja percebido e representado diferentemente por cada sujeito ou pelo grupo, de acordo com suas crenças, necessidades e vivências. As percepções, os valores, os significados e as preocupações demonstram o tempo em que cada indivíduo vivenciou e experienciou relações próximas com o ambiente e seus lugares.

Nesse encontro, entre o objetivo e o subjetivo, vários elementos que interagem e determinam as representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia foram evidenciados nas narrativas, através de palavras ou simplesmente por meio de expressões faciais, murmúrios, olhares, silêncios ou pausas. Preciosidades que a escrita, por mais minuciosa que seja não conseguirá transcrever com a mesma emoção que foi transmitida. Todavia, compreender essas representações é o primeiro passo para pensar os caminhos a serem trilhados pela educação ambiental nessa comunidade.

As representações de meio ambiente dos moradores de Rancharia estão predominantemente relacionadas à natureza e ao lugar. O lugar é visto como o espaço onde vivem e onde as relações se dão pela proximidade, pelo respeito ao outro e pelo cuidado com as matas, os animais e as águas. O ambiente faz parte da vida humana das pessoas como demonstram os trechos das narrativas a seguir.

A gente tem que cuidar da natureza. Aqui o ar é bem mais puro que na cidade. Aqui é mais fresco. Tem muito mais verde que na cidade. O meio ambiente é uma parte da vida da gente. Meio ambiente tem a ver com o ar, com a mata, a água, sem ele a gente não vive. Meus colegas que moram na cidade não sabem o nome das árvores, eu conheço todas elas (P, H. de M. 16 anos).

Meio ambiente é a vegetação verde, que esta pouca por causa dos desmatamentos para fazer lavoura. Antes tinha muita mata, nem gabioba tem mais, os tamanduás-bandeiras procriavam muito, agora não tem mais (A, V. D. da Silva, 52 anos).

Essas representações refletem o conhecimento sobre o ambiente próximo, ou seja, o espaço da casa, da propriedade rural, das fazendas do entorno e cidades próximas. Por vezes, esse conhecimento demonstra uma compreensão fragmentada das relações de interdependência entre os elementos sociais e naturais locais, regionais e nacionais. Todavia, em algumas narrativas o ambiente é representado de forma complexa, demonstrando a interdependência entre o ser humano e a natureza.

Meio ambiente é o meio que todos nós vivemos; a gente é uma engrenagem que funciona com a natureza, uma coisa depende de outra, assim como o Cerrado depende da Selva Amazônica, os rios dependem das nascentes, a gente depende do meio, de todo o ecossistema, dos animais, das plantas (A, J. da S. 49 anos).

Os relatos anteriores demonstram ainda a preocupação que os colaboradores têm com a vida e a compreensão de que as atividades econômicas transformam o ambiente, interferindo nas interações sociais e ecológicas. As experiências cotidianas conferem ainda profunda intensidade às relações vivenciadas no ambiente e solidificam atitudes. Nesse sentido faz-se importante o conceito de atitude discutido por Tuan (1980)

Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela [...] é formada por uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências [...]. As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor (TUAN, 1980. p.5).

Para o autor supracitado, é importante conhecer a herança biológica, a educação e as práticas cotidianas de cada pessoa para compreender sua postura e atuação no ambiente e consequentemente como representam o mesmo.

O grupo, expressando e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente [...]. a atitude em relação ao meio ambiente muda com o aumento do domínio sobre a natureza alterando-a (TUAN, 1980. p.285).

Assim, as atitudes, os valores e os significados que os moradores de Rancharia atribuem ao ambiente estão relacionados a padrões culturais e econômicos e a aspectos de tradição aprendidos e mantidos de geração em geração. Essas práticas cotidianas ao longo do tempo foram solidificando

histórias e experiências de vida e os significados atribuídos às vivências no ambiente, permitindo a construção individual e coletiva das representações de meio ambiente como natureza e como o lugar para se viver.

Em seus relatos de vida, os moradores de Rancharia apontam ainda a mecanização do cultivo de lavouras e o desmatamento de áreas de Cerrado para a formação de pastagens como os principais responsáveis pela degradação do meio ambiente local, como demonstra a narrativa a seguir.

Há 50 anos era tudo capoeira, mata, era uma mataiada, aí o povo roçava e fazia roça. Plantava arroz, feijão e milho. Não existia trator. Depois que existiu o carro de boi, o trator. A vida hoje é só tranquilidade. Hoje se você vai bater um pasto, quer pôr o trator, não quer cortar um ramo, desviar uma árvore, um trem que fica. Põem a máquina que acaba com tudo. Já na ferramenta você vê um pau bonito, você deixa ele. Vê uma moita de gabioba, deixa ela. A máquina acaba com tudo. A destruição da máquina é muito grande. Tem um mel num cupim, a máquina passa e derruba tudo, acaba com o bichinho. Mexer com a ferramenta é outra coisa, desvia muita coisa. Vê um ninho de passarinho, o passarinho está chocando ali, vai a máquina com o batedor, passa e acaba com tudo, acaba com o ninho, acaba com os filhotinhos, as mães ficam num desespero. Com a ferramenta não, igual à antigamente, desviava tudo, via um passarinho com o ninho dele lá, cortava ao redor e largava. Tinha um mel num cupim ou num pau, deixava. Hoje em dia não, a máquina passa e destrói tudo, não deixa nada. Com a máquina é mais fácil, mas a gente não pensa na destruição que é. Com a máquina a renda é maior, mas destrói o que não deve (L, C. de O. 67 anos).

Esse relato demonstra ainda a preocupação dos moradores com a mecanização das atividades agropecuárias e as agressões e transformações ocorridas gradativamente no ambiente local e a fragilidade da vida dos animais e plantas nativas. Os aspectos físicos e funcionais do ambiente são ressaltados não somente como uma ação natural, mas também, influenciado pelas práticas cotidianas das famílias. A lembrança da presença da flora e da fauna no ecossistema é narrada com a familiaridade de quem vivenciou essa interação com o ambiente, assim como estão gravadas na memória da moradora da narrativa abaixo, ao recordar com certa tristeza fatos vivenciado em tempos passados e as diferenças encontradas nos dias de hoje.

Comia araticum, gabioba, mangaba. Hoje tem dias que dá vontade e nem mangaba tem. Agora com esse tal trator, nem mais fruta do Cerrado tem. Hoje esses meninos mais novos nem conhece essas frutas, pois não tem mais. Do tempo que eu era mais nova diferenciou cem por cento. De agora pra frente vai de mal a pior, porque não está chovendo, nem capim não cresce mais. Mas Deus é bom Pai ele sabe o que faz (E, D. C. 78 anos).

Em suas narrativas os moradores de Rancharia relatam as alterações ambientais ocorridas no ambiente desde o processo de derrubada da vegetação nativa para o cultivo de roçados até a pecuária atual. Essas transformações ocorridas ao longo dos anos ficaram registradas na memória das pessoas que vivenciaram e experienciaram tais mudanças e por isso, percebem o processo dinâmico e os conflitos dos usos do espaço.

Considerações finais

A partir do conhecimento da complexa realidade cotidiana, das vivências sociais e práticas ambientais e dos significados que os colaboradores atribuem ao ambiente, são apontadas algumas reflexões.

A pesquisa mostrou que para haver uma relação social, econômica e ecológica equilibrada, especialmente em Rancharia, é preciso repensar e reavaliar conhecimentos, práticas produtivas e a organização e a participação social. Nesse sentido, a seguir são delineadas algumas diretrizes que podem auxiliar os programas e ações de educação ambiental, seja na comunidade ou fora dela.

No que se refere à educação escolar, propulsora de conhecimento científico, é fundamental que as questões ambientais sejam incorporadas aos processos educativos, sobretudo, nas leis e diretrizes que regem o ensino formal e o Plano Político Pedagógico das unidades de ensino, não somente como temas e ou projetos transversais, mas como elemento fundamental em todas as disciplinas, da alfabetização a especialização. Isso permitirá que os estudantes incorporem novas posturas que ao se confrontar com práticas, culturalmente e ou economicamente enraizadas no cotidiano das comunidades, proporcionará uma reflexão e mudança de atitude em relação ao ambiente. Em outras palavras, ao desenvolver a educação ambiental a escola contribuirá para que os estudantes levem

para suas famílias conhecimentos e atitudes que possibilitem refletir sobre o cotidiano, as relações sociais e as práticas ambientais e econômicas conduzidas por aspectos culturais e ou por interesses econômicos e políticos da sociedade atual. Sendo a escola disseminadora de informações sobre o meio ambiente ela deve ser capaz de promover a reflexão sobre o cotidiano e o desenvolvimento de novas posturas de envolvimento, participação e ação responsável.

Os programas ou ações de educação ambiental devem partir do conhecimento da realidade local, a partir da compreensão dos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e naturais que compõem essa realidade, conforme defende Carvalho V. (2006, p. 32) “uma educação que desconheça ou menospreze a cultura local de uma comunidade, não pode ser chamada de ação educativa”. Nesse processo de conhecer a realidade, as histórias de vida, as experiências, as percepções, as representações e os significados que as pessoas atribuem ao ambiente, sobretudo as que residem a mais tempo cronológico no lugar, são fundamentais, uma vez que vivenciaram as transformações ocorridas ao longo dos anos nesse ambiente. É importante que as ações educativas considerem as dimensões subjetiva (modos de vida) e simbólica, como base nos conhecimentos dialógicos, tanto científicos quanto os outros saberes sociais diagnosticados a partir das situações presentes, sem perder a dimensão da historicidade, ou seja, da continuidade entre o passado e o presente.

No que se refere às formas de produção agropecuária, as ações de educação ambiental não podem diminuir ou menosprezar a importância dessas atividades econômicas para a sobrevivência das famílias e as transformações que estas causam ao ambiente. A educação ambiental deve ser capaz de fomentar o uso de tecnologias que valorizam os saberes e fazeres tradicionais e protegem os elementos naturais do meio, apontando alternativas que garantem a produtividade, o rendimento econômico e a proteção da natureza.

Quanto à organização social e a participação coletiva, a educação como processo contínuo e permanente, precisa fomentar e fortalecer mecanismos que possibilitem a organização e a participação das famílias na estão do meio onde estão inseridas. Quando organizados em movimentos, associações e ou cooperativas, os grupos sociais conseguem discutir e encontrar mais facilmente soluções para seus problemas e alcançar melhores resultados. Por exemplo: alternativas ecológicas de produção e controle de “pragas” requerem a participação coletiva, uma vez que as relações de interdependência e equilíbrio do ambiente ultrapassam as divisas das propriedades rurais. Por meio da organização os grupos sociais poderão participar efetivamente nas decisões que afetam a qualidade do meio ambiente, seja ele natural ou construído, situação que demanda conhecimentos, habilidades e atitudes.

Ainda para fortalecer as relações sociais, é importante que a educação ambiental busque resgatar os aspectos de tradição como os mutirões e as manifestações religiosas e festivas, uma vez que esses são meios fundamentais para o *aprender a conviver* e o *aprender a ser*, valorizando a solidariedade, a partilha e a comunhão fraterna.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **O vôo da arara-azul**: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007. 196 p.

BRENNER, J. Uma visão mais ampla de Transdisciplinaridade. **Declaração de Zurique**. Conferência Transdisciplinar Internacional. Zurique, 2000

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. 150 p.

DOLORS, J. [et al]. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. UNESCO, 1996. Editora Cortez/Unesco Brasil/ MEC: São Paulo, 1998. 287 p.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 145 p.

LEFF, E. (coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003. p. 7-13.

LEFF, E. Pensar a complexidade ambiental. In. LEFF, E. (coord.). **A complexidade ambiental**. Tradução de Eliete Wolff. São Paulo: Cortez, 2003. p. 15-64.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 12. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução de Elaine Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 3ª Edição, 2007. 120 p.

OLIVEIRA, S. de F. Educação Ambiental: aspectos históricos e perspectivas. **Boletim Goiano de Geografia**. v. 26. n. 2. Goiânia, jul/dez, 2006. p. 151-166.

OLIVEIRA, S. de F. VIANA, R. M. e PEREIRA, M. V. Educação Ambiental: pertencer e cuidar da teia da vida. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**. Ano 7. n. 13. Goiânia, 2008. p. 39-46.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores o meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980, p. 1-111.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.